

RESENHA / REVIEW

Revista de
LETRAS

LARGE, DUNCAN ET AL. (EDS.). *UNTRANSLATABILITY: INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVES*. NEW YORK: ROUTLEDGE, 2019. 228 P.

Por/By: Kamila Moreira de Oliveira*
Por/By: Philippe René Marie Humblé**

Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives é uma publicação recente da editora Routledge, organizada pelos pesquisadores em tradução literária Duncan Large, Motoko Akashi, Wanda Józwickowska e Emily Rose. A obra faz parte da série Routledge Advances in Translation and Interpreting Studies, que tem publicado pesquisas inovadoras na área de Estudos da Tradução e Interpretação.

Este livro é composto por uma introdução e treze capítulos, divididos em três partes, que exploram o conceito de intraduzibilidade por uma perspectiva interdisciplinar: *Theory and Philosophy*, *Poetry and Prose* e *Envoi: Beyond Literature*. A primeira parte foca na intraduzibilidade como um construto teórico e conceitual, enquanto a segunda traz estudos de caso em que o termo é aplicado e contextualizado em diferentes tipos de texto literário. O último capítulo, que constitui a terceira parte, examina a intraduzibilidade no mundo real e em contextos práticos.

A intraduzibilidade não é uma questão recente, mas tem ganhado popularidade nos últimos anos com o multiculturalismo trazido pela globalização. Ao longo dos capítulos de *Untranslatability*, no entanto, os autores gradualmente desconstruem o conceito “leigo” inicial – e, segundo os organizadores, um tanto exagerado – da intraduzibilidade como algo essencialmente ruim ou incontornável para dar lugar a diferentes pontos de vista.

Os organizadores também chamam atenção para o trabalho da filósofa francesa Barbara Cassin e da teórica americana Emily Apter, responsáveis, respectivamente, pela edição do *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles* (2004) e sua tradução *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon* (2014). De acordo com os organizadores,

O trabalho de Cassin e Apter fornece o pano de fundo para o presente volume, que pretende explorar o conceito de intraduzibilidade a partir de uma ampla variedade de perspectivas comparativas e interdisciplinares que vão além das comparações tradicionais de textos-alvo com as suas fontes.¹ (p. 3, tradução nossa).

A primeira metade da obra, intitulada *Theory and Philosophy*, foca na intraduzibilidade como um construto teórico ou filosófico. No segundo capítulo, *Untranslatability, Entanglement and Understanding*, Theo Hermans traz dois exemplos – um histórico e um ficcional – de dois tradutores que enfrentam algo que não podem traduzir. O primeiro exemplo é o de Erasmus de Rotterdam, tradutor do Novo Testamento do grego para o latim, em 1516, como uma correção da Vulgata de Jerônimo. Erasmus teria se detido longamente na palavra grega *logos*, traduzida por Jerônimo como *verbum*, chegando ao ponto de elaborar um tratado para explicar porque *sermo* seria uma tradução melhor, mas ainda não precisa o suficiente, para *logos*. O *Dictionary of Untranslatables* também traz um verbete de dez páginas sobre a palavra *logos*, oferecendo “vinte e três traduções do termo para o inglês e três para o latim (*ratio*, *oratio* e *verbum*)”, mas citando

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (POET/UFC), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4377-2249>

**Doutor em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Vrije Universiteit Brussel, em Bruxelas, Bélgica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3426-3218>

apenas brevemente *sermo*, sem nenhuma relação com Erasmus.

O segundo exemplo trata do filósofo fictício Ibn Rushd, personagem de Jorge Luis Borges no conto “Averrões’ Search”, considerado por Apter como “a parábola do Intraduzível”. O conto fala da dificuldade do filósofo em traduzir a *Poética* de Aristóteles para o árabe, em uma cultura onde não existe o conceito de teatro. O personagem, ao observar crianças brincando de encenar e lembrando de relatos de estrangeiros que “se reúnem para assistir indivíduos em uma plataforma, fingindo ser quem não são”, acaba traduzindo o termo aristoteliano para tragédia como “praise-poem”.

Com esses dois exemplos, Hermans chama atenção para o fato de que, embora estejam lidando com textos ou termos considerados intraduzíveis, ambos os tradutores encontraram soluções mesmo assim. De acordo com Hermans,

A intraduzibilidade não impede que a tradução aconteça; no máximo a desacelera, e a reflexão sobre as interpretações em questão – as notas de rodapé de Erasmus, nossas desconfianças sobre a escolha de palavras de Averrões – realçam sua natureza experimental, provisória, a noção de que circunstâncias diferentes podem levar a escolhas alternativas – em resumo, a noção de que, embora o ato de traduzir subjuguem o intraduzível, ele ainda assim não o elimina.² (p. 28, tradução nossa).

Em resumo, Hermans considera que “é a prática de tradução que produz equivalência, não a existência de equivalência que permite a tradução”, pois a necessidade de tradução é mais urgente do que a intraduzibilidade no contato transcultural. O autor, no entanto, enfatiza que, embora a tradução tenha um carácter necessariamente provisório – e sempre possa ser feita de uma maneira diferente –, é preciso ter cuidado com o conceito de tradução incorreta, já que isso pressupõe que haveria uma tradução correta ou perfeita, com a “transmissão integral de um significado invariante”.

No quarto capítulo, *The Untranslatable in Philosophy*, Duncan Large explica como a intraduzibilidade é tanto um problema filosófico quanto um problema *para* a filosofia, pois a filosofia questiona quais são os limites da tradução, enquanto a tradução questiona até que ponto a filosofia é traduzível. Como Large pontua, no entanto, para definir o que é intraduzível precisa-se, necessariamente, definir o que é *traduzível*, e portanto, o que é a tradução em si.

Os autores da segunda parte do livro partem para estudos de caso mais específicos em que a questão da intraduzibilidade vem à tona. É o caso de Simon Everett, que inicia o capítulo oito, *Remembered Hills: Tonal Memory in English Translation of Chinese Regulated Verse*, afirmando que o octeto regular da poesia clássica chinesa é, de fato, intraduzível por conta de sua base tonal. O objetivo do autor, no entanto, é promover uma discussão sobre as soluções que escritores e poetas tradutores trouxeram para estes elementos intraduzíveis. Everett discute a relação entre perda e substituição nas traduções do mandarim para o inglês, as técnicas formais problemáticas mais comumente usadas pelo tradutores e as evidências de “ecos” do octeto regular e suas nuances na tradução.

No décimo primeiro capítulo, *Surmounting the “Insurmountable” Challenges of Translating a Transgender Memoir*, Emily Rose apresenta os desafios para a tradução de uma biografia de uma pessoa transgênero do espanhol para o inglês, considerando a diferença da marcação de gênero nas duas línguas. A autora usa o exemplo da autobiografia de 1646 de Catalina de Euraso, que “alterna constantemente entre marcadores de gênero femininos e masculinos”. Rose argumenta que a tradução é, de fato, desafiadora, mas não linguisticamente ou culturalmente intraduzível, e propõe uma nova tradução, pois “só porque não existe um equivalente para um conceito não significa que ele não possa ser expresso; significa apenas que a língua-alvo deve ser usada experimentalmente, inventivamente e criativamente”³ (p. 169, tradução nossa).

A terceira e última parte fecha a obra com o capítulo *Untranslatability: Challenges to Translation and Interpreting*. Nesse capítulo, Joanna Drugan direciona nossa atenção para alguns aspectos práticos e econômicos da intraduzibilidade, como seus custos e consequências. Saindo do universo da literatura, Drugan discute a questão da demanda de tradução e da intraduzibilidade, que se dá, na verdade, quando não é possível traduzir algo. Segundo a autora, “se você não pode acessar tecnologias padrão e métodos de entrada de texto na sua língua materna porque o custo da localização é muito alto, então os formatos de texto em uso atualmente são efetivamente

intraduzíveis”⁴ (p. 201, tradução nossa).

Como exemplo de intraduzibilidade prática, Drugan comenta a situação das maternidades do Reino Unido, que lidam com um contexto de grande diversidade e multilinguismo devido à imigração. Como algumas línguas são apenas faladas ou sinalizadas, sem escrita oficial, não existe pessoal qualificado para traduzir todas elas, o que pode levar a uma situação de intraduzibilidade prática mesmo que haja financiamento para a tradução.

Drugan finaliza seu capítulo reforçando que a tradução como disciplina também não é imune aos desafios práticos da intraduzibilidade. Segundo a autora, a ausência de certas línguas já demonstra que nosso entendimento de intraduzibilidade ainda é limitado pelo domínio do inglês e de um pequeno número de línguas europeias, e pela falta de acesso à tradução.

Apesar de o último capítulo destoar do restante do livro, ele chama atenção por trazer à tona toda a questão que vinha sendo discutida anteriormente para problemas de ordem imediata, que nos atingem em outras dimensões além da literatura e da filosofia. É um tema que valeria, talvez, uma investigação maior e mais abrangente, e um volume dedicado e atualizado com mais informações sobre a demanda por tradução automática.

De modo geral, *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives* é um livro bastante diverso, com capítulos que, apesar de unidos pelo desafio inicial da intraduzibilidade, passeiam por diversos temas e casos das mais diferentes naturezas. Trata-se de uma obra importante e atual para começar a compreender por que não é tão simples assim definir se algo é traduzível ou não, e até que ponto essa definição sequer faz sentido, de pontos de vista práticos e filosóficos.

REFERÊNCIAS

LARGE, Duncan et al. (Eds.). *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives*. New York: Routledge, 2019. 228 p.

NOTAS

- 1 “The work of Cassin and Apter provides the backdrop to the present volume, which aims to explore the notion of untranslatability from a wide variety of comparative and interdisciplinary perspectives that go beyond traditional comparisons of target texts with their sources.” (p. 3).
- 2 “Untranslatability does not prevent translation from taking place; at most it slows it down, and the reflection about the renderings in question—Erasmus’s footnotes, our misgivings about Averroes’s choice of words – highlights their tentative nature, their provisionality, the sense that different circumstances might have led to alternative choices – the sense, in short, that while the act of translating subdues the untranslatable, it does not quite eliminate it.” (p. 28).
- 3 “Just because there is no equivalent for a concept does not mean that it cannot be expressed, it merely means that the target language must be used experimentally, inventively and creatively [...]” (p. 169).
- 4 “If you cannot access standard technologies and text input methods in your mother tongue because the cost of their localisation is too high, then the text formats in common use today are effectively untranslatable.” (p. 201).